

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALANNA FELICIANA DOS SANTOS MARINHO  
DEYSE BARRETO SIMÃO DOS SANTOS  
MARIA GABRIELA DE MORAES RAMOS

**AUTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR**  
**OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DO ALUNO**  
**AUTISTA**

RECIFE/2021

ALANNA FELICIANA DOS SANTOS MARINHO  
DEYSE BARRETO SIMÃO DOS SANTOS  
MARIA GABRIELA DE MORAES RAMOS

**AUTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR**  
**OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,  
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura  
em Pedagogia.

Professor Orientador: Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix

RECIFE/2021

M338a

Marinho, Alanna Feliciano dos Santos

Autismo e Inclusão Escolar - Os desafios da inclusão do aluno autista. / Alanna Feliciano dos Santos Marinho; Deyse Barreto Simão dos Santos; Maria Gabriela de Moraes Ramos. Recife: O Autor, 2021.

25 p.

Orientador(a): Hugo Christian de Oliveira Felix.

Trabalho De Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Pedagogia, 2021.

1.Autismo. 2.Inclusão. 3.Escola. I. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. II. Título.

CDU: 37.01

ALANNA FELICIANA DOS SANTOS MARINHO  
DEYSE BARRETO SIMÃO DOS SANTOS  
MARIA GABRIELA DE MORAES RAMOS

## **AUTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA.**

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

---

Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix  
Professor Orientador

---

Professor(a) Examinador(a)

---

Professor(a) Examinador(a)

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

NOTA: \_\_\_\_\_

*Dedicamos esse trabalho a Deus, pois sempre  
Se fez presente na nossa jornada acadêmica.*

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente a Deus.

Agradecer a minha mãe Alexandra Gomes que me apoia desde o começo da graduação e só me apoia cada vez mais ao longo da minha profissão. Meu pai Arlindo filho que é uma das minhas inspirações na profissão que escolhi para seguir, agradeço muito por isto. Ao meu querido irmão que também me apoiou e me apoia muito e está ao meu lado, te agradeço muito meu irmão Arlindo Neto. Minha cunhada Lara Menezes obrigada por escutas meus desabafos quando chego de um dia de um lugar que escolhi está por muito tempo.

Agradeço muito as minhas amigas Maria Gabriela, Deyse Barreto, Ingrid vanize, Renata Stephane que estão comigo nessa reta final e sempre estiveram e que deixaram essa graduação, mas leve e divertida, estando ao meu lado sempre, me ajudando onde precisei e me apoiando. Muito obrigada minhas amigas.

**(ALANNA FELICIANA DOS SANTOS MARINHO)**

Agradeço a Deus por toda graça alcançada.

Agradeço a todos que estiveram junto comigo, meus pais, João e Lucinha que desde muito cedo perceberam meu amor pela educação.

Meu esposo Adriano, que me incentivou, me escutou nos momentos de frustrações e se alegrou com minhas vitórias.

Aos meus filhos Allyson é Lívia, que me deram às mãos e me fizeram sentir que eu nunca estarei só.

Aos amigos que ganhei e que levarei pra vida.

A todos os mestres que passaram pela minha vida acadêmica, e em especial aos orientadores, Hugo, Carol e Aliciana, que agregaram para meu conhecimento me ajudando bastante no período de tempo que nos conhecemos.

**(Deyse Barreto Simão dos Santos)**

Agradecer a Deus, por todo seu amor e graça derramada em minha vida.

Agradeço a minha família, em especial a minha Mãe Rosineide de Moraes pois sem ela não teria condições de realizar meu sonho, ao meu marido Danillo Galvão, por sempre ser o meu maior incentivador, por aguentar meus dramas e sofrimentos durante esse último ano de graduação e a minha irmã Maria Isabel, que sempre acreditou em mim. Vocês são a maior razão da minha vida em ser uma professora.

Aos meus amigos que ganhei durante meu estágio, Melissa Melo, Virginia Moraes e Jacqueline Gomes, no qual dividi as minhas maiores alegrias, angustias e medo durante a rotina de trabalho.

Aos professores que passaram pelo curso, Professora Maria Angelica, Júlia Calheiros, Thereza Flores, Cintia Marque e todos os nossos futuros colegas de profissão, que agregaram ao nosso conhecimento.

Aos nossos amigos de curso, Renata Batista, Ingrid Vanize, Severina, Silvano Santos e Emanuel Silvestre, que fizeram a caminhada ser mais leve, na qual dividimos nossas maiores conquistas, angústias e medo durante a pandemia do covid-19.

Em especial aos nossos orientadores, Professor Hugo e as professoras Carol e Aliciana que nos passaram alguns de seus conhecimentos e que nos ajudou bastante no pequeno período de tempo em que nos conhecemos.

***(Maria Gabriela de Moraes Ramos)***

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”*

*(Paulo Freire)*



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>8</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1 CARACTERÍSTICAS DO TRANSTORNO ESPECTRO AUTISMO.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO ALUNO AUTISTA NO PROCESSO DE INCLUSÃO NA REDE REGULAR DE ENSINO.....</b>	<b>10</b>
<b>3.3 OS DESAFIOS DOS DOCENTES FRENTE A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1.1 COMPORTAMENTO</b>	<b>15</b>
<b>3.1.2 COMUNICAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>3.1.3 DEMAIS DIFICULDADES.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1.4 SOCIALIZAÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1.5 ROTINA.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1.6 ADAPTAÇÃO CURRICULAR .....</b>	<b>17</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>4.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES .....</b>	<b>18</b>
<b>4.2 APOIO DA FAMÍLIA E DE TODA COMUNIDADE ESCOLAR .....</b>	<b>19</b>
<b>4.3 SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS PARA ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO .....</b>	<b>20</b>
<b>4.4 RESGATAR COM ALUNOS E CORPO DOCENTE O RESPEITO PELAS DIFERENÇAS .....</b>	<b>21</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## **AUSTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR: OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA**

Alanna Feliciano dos Santos Marinho

Deyse Barreto Simão dos Santos

Maria Gabriela de Moraes Ramos

Hugo C. de O. Felix<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como finalidade apresentar a importância da inclusão dos alunos com TEA (Transtorno do Espectro autismo) como também observar como se faz necessária a adaptação do currículo pedagógico para atender melhor às necessidades desses alunos. Para compreender o universo autista foi realizada uma pesquisa bibliográfica que traz como os principais autores Bortolozzo (2007), Cunha (2009), Fernandes (2007), Gauderer (1993), Montoan (2015) e Menezes (2012), também são constantemente citados em defesa da inclusão nas escolas. Ao longo do tempo, a inclusão educacional foi se transformando em um direito dos alunos portadores de deficiência, assim se faz necessário políticas públicas para uma melhor organização de práticas pedagógicas através de um currículo adaptado que possibilitem a aprendizagem e a permanência dos alunos com autismo nas escolas regulares.

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão. Escola.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho de conclusão de curso, visa no estudo de crianças com o Transtorno Espectro Autista (TEA), cujo o objetivo geral é compreender teoricamente como se dá seu processo de inclusão do aluno autista na rede regular de ensino. De acordo com a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde), O TEA começa na infância e tende a persistir na adolescência e na idade adulta. Na maioria dos casos, as condições são aparentes durante os primeiros cinco anos de vida e apresenta uma série de condições caracterizada por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.

---

<sup>1</sup> Docente UNIBRA. Especialista em Gestão Educacional. E-mail: hugo.christian@grupounibra.com

Tendo em vista que, esta pesquisa opera como instrumento teórico que possa auxiliar em algumas estratégias para moderar algumas dificuldades existentes. O trabalho justifica-se com a finalidade de averiguar as dificuldades que os alunos com TEA enfrentam a serem incluídas no âmbito escolar.

Para isso o primeiro capítulo buscou contextualizar características do TEA, com conceitos. No segundo capítulo, visou-se apresentar a trajetória histórica do aluno autista até seu processo de inclusão escolar e o último capítulo trouxe reflexões teóricas frente aos desafios que o professor encontra, no âmbito escolar, para incluir o aluno com TEA.

Um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às necessidades educacionais especiais dos alunos.

O trabalho se baseou em uma pesquisa bibliográfica, com contribuições de autores que abordam o tema de forma conveniente o tema oferecido.

## **2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

A opção metodológica escolhida para este projeto foi a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. A escolha da metodologia se deu a partir do objetivo específico dessa pesquisa, por meio do qual buscamos desenvolver estudo bibliográfico sobre o tema visando contribuir com o desenvolvimento da educação da criança com autismo.

A pesquisa bibliográfica, foco deste trabalho, é o passo inicial na construção efetiva do processo de investigação, quer dizer, após a escolha de um assunto é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado. Essa pesquisa auxilia na escolha em um método mais apropriado, assim como em um conhecimento das variáveis e na autenticidade da pesquisa (SALAMON,2004).

Essa pesquisa busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (SALAMON,2004).

Sendo assim, essa pesquisa procurar analisar e compreender os conceitos e teorias para contribuir o trabalho, além do mais de conhecer vários autores, em livros, artigos científicos e sites que abordam o tema.

Conforme Salomon (2004), a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em conhecimentos proporcionados pela Biblioteconomia e Documentação, entre outras ciências e técnicas empregadas de forma metódica envolvendo a identificação, localização e obtenção da informação, fichamento e redação do trabalho científico. Esse processo solicita uma busca planejada de informações bibliográficas para elaborar e documentar um trabalho de pesquisa científica.

Nesta pesquisa bibliográfica, serão aplicados conceitos de autismo na perspectiva de Kener (1943) e Guaderer (1993), que juntos puderam ter uma visão mais teórica sobre o assunto.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 Características do Transtorno Espectro Autismo**

Partindo do conceito etimológico, a palavra Autismo deriva do grego “autos” que significa “voltar-se para si mesmo”. A primeira pessoa a utilizar esse termo foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, que definia critérios para o diagnóstico de Esquizofrenia. As crianças observadas pelo referido psiquiatra austríaco apresentavam as características de isolamento, igualmente demonstradas pelos esquizofrênicos, dando a impressão de que eles estavam presos em si mesmos (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Contudo, o psicólogo norte americano, Leo Kener, fez sua primeira descrição formal sobre o autismo em 1943, baseando-se em onze casos de crianças observadas por ele. A partir disso foi observado que as crianças que não conversavam ou se comunicavam pouco, brincavam de maneira repetitiva, queriam os brinquedos e roupas sempre no mesmo lugar, e que possuíam uma facilidade de decorar listas, mas tinham dificuldades para entender conceitos abstratos, havendo déficit de comunicação e interação social; no qual assim faziam parte do TEA-Transtorno do Espectro Autista. Assim o autismo passa a ser entendido separadamente do termo esquizofrenia (KENER, 1943).

Todavia, mesmo com estudos de Kanner, apenas no início de 1960 com a *Medical Research Council's Developmental Psychology Unit*, que estudos mais sistematizados surgiram, facilitando a compreensão mais teórica sobre o autismo (BARON-COHEN, 1990, p.409-410 *apud* SOUSA; SANTOS, 2020, p. 2).

Para (GUADERER,1993, p.3 e 4), a *Medical Research Council's Developmental Psychology Unit* descreve o autismo como:

Uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos que meninas. É encontrada em todo mundo e em família de qualquer configuração racial, étnica e social. [...].

Os sintomas [...] incluem:

1. Distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas; [sic].
2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo;
3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias [sic]. Uso de palavras sem associação com o significado.
4. Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriadas a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida. [...] A pessoa portadora de autismo tem uma expectativa de vida normal. Uma reavaliação periódica é necessária para que possam ocorrer ajustes necessários quanto às suas necessidades, pois os sintomas mudam e alguns podem até desaparecer com a idade.

Diante da caracterização do autismo, é necessário entender que esse indivíduo quando adentra nos anos iniciais do ensino fundamental precisará de incentivos para que seja incluído. Nesse viés, é essencial que ocorram, se necessário, adaptações físicas, pedagógicas, curriculares, além da capacitação do docente e dos demais funcionários, visto que uma educação inclusiva envolve todos no processo de evolução desse discente.

Em adição a isso, é notório que um aluno autista, por possuir características que, em muitos casos, exigem uma maior intervenção, necessita de um ambiente propício para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma coerente e que tenha potencial significativo na vida deles. Assim, como afirma Eugênio Cunha (2009, p. 52):

O trabalho que na escola estabelece impreterivelmente a ação. A ação move os corações bem mais do que as teorias. Não se constroem os movimentos de aprendizagem somente com a qualidade das nossas ideias, mas principalmente, com o valor das nossas ações.

### 3.2 Trajetória histórica do aluno autista no processo de inclusão na rede regular de ensino

A trajetória da pessoa com deficiência na sociedade perdurou por muitos séculos e persiste até os dias atuais, com isso muitas leis foram criadas com o intuito de proteger um dos principais direitos desses indivíduos que é a educação básica de qualidade. Em 1990, na Tailândia, ocorre a Conferência Mundial de Educação para

Todos e, anos depois, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, deu origem a Declaração de Salamanca (1994). Nela vários países, como o Brasil, assumiram a responsabilidade de trazer mudanças no âmbito educacional para inserção de todos os alunos com algum tipo de deficiência.

Outro ponto de vista a ser citado é referente a promulgação da LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996, em vigência, que estabelece definições em relação a educação especial, modalidade criada para atender o público deficiente e em seu capítulo V, artigo 58 dispõe:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade da educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, deve ser constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (BRASIL, 1996, Art. 58).

O direito de acesso ao ensino é um exercício de cidadania. “O cidadão independente de sua condição física, psicológica, moral, econômica e social tem o direito assegurado pelo Decreto nº 6.094/2007, de usufruir os espaços municipais, estaduais, e federais de educação” (BRASIL, 2007). Contudo, apesar das legislações que buscam a inclusão escolar, ainda há instituições, especialmente as privadas, que negam matricular alunos com deficiência ou transtorno, através da Lei 12.764/2012, na qual, em seu artigo sétimo, informa que:

O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos” (BRASIL, 2012, s. p.).

Tendo como objetivo assegurar a matrícula deles na escola regular, seja pública ou privada.

Sendo assim, a educação inclusiva vem de forma transversal e precisa estar incorporada ao Projeto Político Pedagógico da escola, além do Atendimento

Educacional Especializado (AEE), como prevê a Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) que estabelece:

A Educação Especial, como modalidade transversal a todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, é parte integrante da educação regular, devendo ser prevista no projeto político-pedagógico da unidade escolar.

§ 1º Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

§ 2º Os sistemas e as escolas devem criar condições para que o professor da classe comum possa explorar as potencialidades de todos os estudantes, adotando uma pedagogia dialógica, interativa, interdisciplinar e inclusiva e, na interface, o professor do AEE deve identificar habilidades e necessidades dos estudantes, organizar e orientar sobre os serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação e aprendizagem dos estudantes.

§ 3º Na organização desta modalidade, os sistemas de ensino devem observar as seguintes orientações fundamentais:

I – O pleno acesso e a efetiva participação dos estudantes no ensino regular;

II – A oferta do atendimento educacional especializado;

III – A formação de professores para o AEE e para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas;

IV – A participação da comunidade escolar;

V – A acessibilidade arquitetônica, nas comunicações e informações, nos mobiliários e equipamentos e nos transportes;

VI – A articulação das políticas públicas intersetoriais. (BRASIL, 2013, p.72).

Para reforçar mais o processo de inclusão escolar, no ano de 2015, foi criada a Lei 13.146, conhecida como LBI- Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que, em seu art. 28, preconiza como responsabilidade:

Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida (BRASIL, 2015).

### 3.3 Os desafios dos docentes frente a inclusão do aluno autista

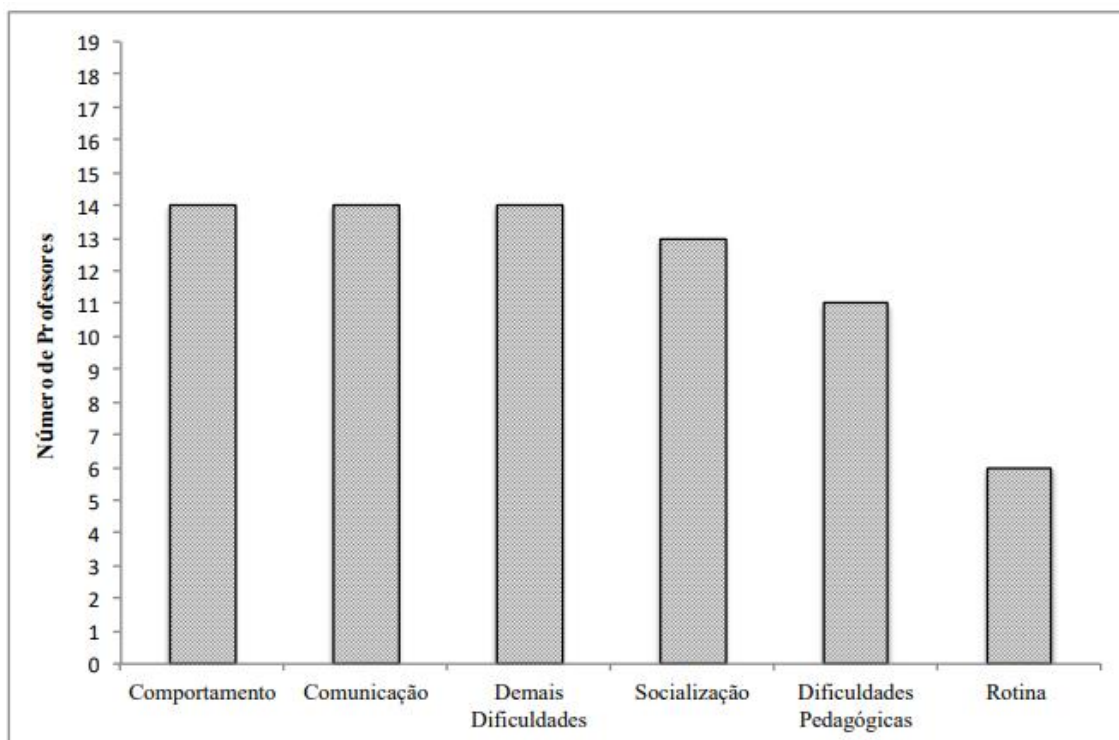
A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) é uma realidade nas escolas comuns no ensino regular, para isso é essencial que os profissionais da educação sejam capazes de compreender as próprias práticas e de refletir sobre as mesmas, pois a qualificação do professor está diretamente ligada à qualificação do atendimento aos alunos com necessidades educacionais específicas. Assim é importante pensar na formação desses profissionais, para que consigam desenvolver e criar ambientes educativos e que atendam as diversidades do âmbito escolar, desenvolvendo práticas pedagógicas com os alunos com necessidades educacionais especiais em uma escola comum, tornando-se uma escola inclusiva. (JESUS, 2006)

Diferentes programas educacionais são usados na tentativa de inclusão do aluno autista, que investigam melhores condições para a aplicação nas escolas (SERRA, 2010). Para auxiliar nas práticas pedagógicas existem quatro métodos importantes: método Treatment and Education of Autistic and a Related Communication Handicapped Children (TEACCH) onde é realizado a adaptação do ambiente, método PEP que utiliza de habilidades Psicoeducacionais, método PECS que utiliza trocas de figuras e método ABA que simula o ambiente da criança.

O aluno autista necessita de uma boa metodologia, as salas de aulas devem ter número de alunos reduzidos, facilitando a assistência necessária do professor ao autista, pois é importante a criação de rotinas de trabalho, como arrumação da sala, formas de escrever no quadro negro, também é preciso um ambiente calmo e não deve ter agitação, pois mudanças bruscas no ambiente podem irritar a criança autista



(SANTOS et al., 2013).Camargo (2020) realizou uma pesquisa que investigou as principais dificuldades, os desafios e as barreiras diárias enfrentados por professores de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em situação de inclusão na escola comum.



Fonte: Camargo (2020)

Nesse gráfico, é apresentado as dificuldades encontradas pelas professoras no processo de inclusão de alunos com TEA, subdividido nas categorias nas quais são: Comportamento; comunicação; demais dificuldades; socialização; dificuldades pedagógicas e rotina. Com isso pode-se relatar durante as entrevistas, que as dificuldades comportamentais, de comunicação e demais dificuldades apareceram com maior frequência. O aspecto de comportamento e comunicação é referente às questões comprometidas em indivíduos com TEA, porém as demais dificuldades são referentes às questões que não são diretamente ligadas ao aluno, mas sim na escola e comunidade em que o aluno está inserido.

### **3.1.1 Comportamento**

Dentro do aspecto comportamental, a maior dificuldade relatada na pesquisa foi a relação de comportamentos atrelados à recusa em fazer atividades/seguir rotinas e regras. Onde no qual dez professoras relataram ter dificuldade com o aluno em fazer determinadas atividades e/ou seguir a rotina e regras na escola e sala de aula, o que ocasiona comportamentos desafiadores. Interesses restritos e estereotipados das crianças também foram dificuldades relatadas pelas professoras na questão comportamental. Sete professoras relataram ter dificuldades nessa questão. Essas estereotípias diversas, que comumente podem envolver balanço do corpo, agitação das mãos, dentre outros, podem ocorrer em situações tanto de frustração quanto de satisfação das crianças com autismo.

Outro aspecto relatado por sete professoras foi a agressividade, que pode ser direcionada ao professor, aos colegas e a si mesmo e, segundo elas, não tem uma situação desencadeadora aparente. Embora comportamentos agressivos não sejam uma característica ou critério diagnóstico para o autismo, muitos alunos podem apresentá-los. Geralmente, a criança com autismo pode apresentar comportamentos agressivos quando há dificuldade para comunicar alguma insatisfação ou necessidade. Por esse motivo, a ocorrência desses comportamentos exige uma análise contextual cuidadosa, pois todo comportamento tem uma função e suas causas estão frequentemente associadas a fatores relativos ao próprio ambiente em que ocorre

. A agressividade foi citada como um obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem e também para o relacionamento dos colegas com o aluno com TEA, devido ao medo que ele causa por suas atitudes. É evidente a dificuldade que as professoras têm em explicar e realizar uma análise do contexto e das situações que desencadeiam os comportamentos agressivos. (CAMARGO, 2020)

### **3.1.2 Comunicação**

A comunicação dos alunos com TEA também foi um aspecto bastante desafiador no processo de ensino-aprendizagem, de acordo com as professoras, dentre as quais 14 relataram dificuldades nesse aspecto. A principal dificuldade citada

está relacionada com a comunicação do/e com o aluno com autismo, sejam dificuldades de compreensão da fala do aluno ou dificuldades por parte dos colegas e dos professores de serem compreendidos por ele e/ou para desenvolver um diálogo interativo e recíproco, e embora a ecolalia e a estereotipia da fala sejam comuns em indivíduos com TEA, somente três professoras relataram ter dificuldades nesse aspecto. (CAMARGO, 2020).

### **3.1.3 Demais dificuldades**

As demais dificuldades, relatadas por 14 professoras, não se referem a desafios relacionados ao aluno com TEA e suas características, mas sim a questões relevantes e presentes no processo de inclusão escolar, como os recursos que possuem, a presença de outros alunos com deficiência na sala de aula, a aceitação do colega com autismo pelos pares típicos e a dificuldade de comunicação com a família. Nessa categoria, nove professoras relataram ter dificuldades para utilizar ou relataram que não utilizavam atividades, materiais e estratégias adaptadas para alunos com TEA, seja pelo fato de o aluno conseguir acompanhar e utilizar os mesmos materiais, atividades e estratégias que eram preparados para o resto da turma ou porque a professora e a escola não dispunham de mais tempo para trabalhar com o aluno um planejamento específico de acordo com suas limitações e potencialidades. (CAMARGO, 2020).

### **3.1.4 Socialização**

A dificuldade de interação social é uma das principais características de crianças com TEA e os aspectos de socialização tornam-se um dos grandes desafios em aula. Nota-se, por parte das professoras, a dificuldade em identificar as razões pelas quais os alunos se isolam e os interesses do aluno com TEA que, quando levados ou não em consideração, podem contribuir para a maior ou menor socialização do aluno com TEA com os colegas. (CAMARGO, 2020)

Outro aspecto essencial para a efetiva inclusão de um aluno com TEA é o planejamento e a sistematização do ensino e da avaliação da aprendizagem a partir das suas necessidades e dos seus níveis de conhecimento (SERRA, 2010).

Outra característica marcante que pessoas com TEA em geral possuem é a inflexibilidade com mudanças de rotina e a necessidade de uma rotina organizada e

sistemática (HUNDERT, 2009). No entanto, somente três professoras apontaram como um desafio as dificuldades que os alunos têm em seguir a rotina da escola, como sequência de atividades, transições de uma atividade para outra e organização dos materiais (CAMARGO, 2020).

### **3.1.5 Rotina**

A organização da rotina é um aspecto essencial para a permanência da criança na escola e deve ser trabalhada e ensinada assim que a criança chega na escola, visando ajudá-la na organização do ambiente e das atividades na busca de autonomia e independência (HUNDERT, 2009).

Outro desafio para essas professoras relacionado à rotina é a dificuldade que os alunos com TEA têm com as mudanças repentinas e inesperadas nas atividades diárias de sala de aula. Nos relatos a seguir podemos ver que as reações desses alunos com a mudança de rotina são sempre de resistência às mudanças inesperadas. Há necessidade de instruir professores sobre como agir nessas situações cuja rotina necessite ser alterada. (CAMARGO, 2020).

### **3.1.6 Adaptação Curricular**

De acordo com Valle e Maia (2010, p. 23), a adaptação curricular se define como “o conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender as diferenças individuais dos alunos”.

Os ajustamentos curriculares servem para possibilitar e flexibilizar o acesso às diretrizes estabelecidas pelo currículo regular sem intenção de desenvolver uma nova proposta curricular, mas estabelecer um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, com o objetivo de atender todos os educandos. Isso é facilmente realizado quando há disponibilidade do profissional da sala de recurso na escola, que contribui para que sejam planejadas as ações pedagógicas e o conteúdo que o aluno deve aprender (VALLE; MAIA, 2010).

Adaptar o currículo para o TEA é uma forma de estabelecer o vínculo e a cumplicidade entre pais e educadores, para assim o espaço escolar, possa haver a junção entre os objetivos entre educadores e família, sobre as competências

estabelecidas para a educação do aluno com autismo. Essa revolução estrutural acontece através do manejo do currículo frente aos desafios enfrentados com a vinda da criança com autismo à escola regular (ALMEIDA, 2020).

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Historicamente, pessoas com deficiência tiveram o acesso à educação negado ou muito restringido mesmo tendo os avanços, porém o percentual de alunos e alunas com deficiência matriculados no ensino regular evidencia que a inclusão tem aumentando. De acordo com o Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019, a taxa de atendimento passou de 46,8% em 2007 para 85,9% em 2018. O direito à Educação inclusiva, com atendimento educacional especializado, deve ser ofertado não apenas na rede escolar pública, mas também nas escolas privadas, sem qualquer custo adicional.

A universalização do acesso à Educação Básica para a população de 4 a 17 anos e ao atendimento educacional especializado para as pessoas com deficiência e altas habilidades é uma das metas do Plano Nacional de Educação, que tem vigência até 2024, para que isso ocorra existem alguns desafios a serem superados como:

- Formação para professores para lidar com as crianças e jovens com deficiência, com altas habilidades e superdotação e com o aumento progressivo de matrículas, ambiente escolar preparado com acessibilidade física nas escolas;
- Salas de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado em todas as escolas;
- Apoio da família e de toda a comunidade escolar;
- Resgatar com os alunos e corpo docente o respeito pela diferença.

##### **4.1 Formação de professores**

A formação dos professores para lidar com as pessoas com deficiência e identificar os casos de altas habilidades e superdotação é também um dos desafios a serem enfrentados. Certamente uma disciplina na formação inicial sobre a Educação

especial e inclusiva não é suficiente para lidar com a multiplicidade de questões do dia a dia. Mantoan (2004) afirma sua posição dizendo que:

é necessário recuperar, urgentemente, a confiança dos professores em saberem lidar e desenvolver o processo de ensino/aprendizagem com todos os alunos, sem exceções. Para isso, é oportuno possibilitar aos docentes a participação em cursos que discutam estratégias educacionais visando à participação ativa e consciente de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Esses cursos devem atender as necessidades de preparo que os professores têm para desenvolver práticas docentes realmente inclusivas.

Diante disso, a instituição escolar e os profissionais envolvidos, têm o compromisso de adequar e dar condições igualitárias aos alunos com deficiência, para criar um espaço variado em que futuramente eles tenham base necessária para a inclusão para além das paredes da escola. Nesse sentido, de acordo com Capellini (2001), para efetivação da inclusão:

As ações que apresentam sucessos em sistemas inclusivos mostram que é imprescindível alterações em suas práticas passando desde diminuição do número de alunos por classe, aprendizado cooperativo 33, elaboração de projeto pedagógico, plano individual de ensino, melhoria da formação profissional, valorização do magistério, apoios centrados na classe comum e não via suplementação, com uma pedagogia centrada na criança baseada em suas habilidades e não em suas deficiências, e que incorpore conceitos como interdisciplinaridade, individualização, colaboração e conscientização/sensibilização (CAPELLINI, 2001, p. 155).

A real inclusão de alunos autistas necessita que o ambiente escolar, proporcione transformações em todas as áreas, como físicas, estruturais e curriculares e, principalmente, dos responsáveis envolvidos que devem estar dispostos a realizar um serviço de qualidade.

#### **4.2 Salas de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado.**

Obviamente não basta apenas eliminar as barreiras físicas que impedem o acesso à educação para tudo estar resolvido. É preciso garantir o apoio necessário à aprendizagem, o que é feito por meio do atendimento educacional especializado, conforme as diretrizes da Resolução CNE/CEB nº 4/2009, do Conselho Nacional de Educação (CNE), prioritariamente, nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns.

O atendimento educacional especializado é uma garantia não somente aos estudantes que possuem alguma espécie de deficiência de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, mas também àqueles que possuem superdotação ou altas habilidades as salas de recursos para esse público devem ser simples e sem muitos estímulos visuais. De acordo com Cunha:

Neste ambiente, o aluno recebe uma educação individualizada, específica, com ênfase na mudança de alguns comportamentos e aprendizado de outros. Entretanto, em um primeiro momento, o professor deve observar quais objetos ou atividades que o atraem mais, para usá-los nas tarefas. (CUNHA, 2009, p.33).

Complementando as informações dadas anteriormente, SANTOS et al., 2013 alerta sobre a necessidade de as salas de aulas terem um número reduzido de alunos para facilitar a assistência necessária do professor ao autista, como também a importância da criação de rotinas de trabalho, arrumação da sala, formas de escrever no quadro negro, a necessidade de se ter um ambiente calmo não havendo agitação, pois tais mudanças bruscas no ambiente podem irritar a criança autista.

#### **4.3 Apoio da Família e toda comunidade escolar**

A presença e participação da família durante todo o processo de aprendizagem é fundamental. Infelizmente é possível perceber que as famílias delegam somente à escola a responsabilidade pela educação de seus filhos, fazendo com que os professores, muitas vezes, se encontrem sozinhos neste processo, tendo que desenvolver vários papéis dentro da escola, o que acaba por influenciar em sua ação docente. Vale enaltecer que o trabalho docente só irá surtir efeitos se ocorrer a participação familiar. Ela é substancial e a escola precisa dessa ligação para permanência da inclusão do aluno com TEA, assim:

É muito importante que haja uma parceria entre familiares e escola, pois os pais são portadores de informações preciosas que podem colaborar bastante com o planejamento das intervenções educacionais das crianças portadoras de autismo, especialmente pela peculiaridade da forma de comunicação dos portadores dessa síndrome (SERRA, 2004, p. 25).

É uma dificuldade para o professor o momento em que a família não compreende esse processo, por isso muitas das vezes a inclusão do aluno autista não

é efetivada com sucesso, por não ter informações suficientes que poderão auxiliar num trabalho unificado. Outro fato é de muitas famílias não aceitarem a condição do filho o que impacta na promoção de intervenções mais adequadas e precoces. No entanto, quando ocorre sua união é importante que as práticas utilizadas em casa estejam em conciliação às da escola, para que esse aluno vivencie situações unidas e contextualizadas.

Portanto, a inclusão dos alunos autistas, é um desafio, contudo não é impossível, e, por isso, deve ser pensada e repensada, visto que eles têm total potencial a ser desenvolvido, desde que os envolvidos estejam dispostos a concretizar o processo inclusivo. Para mais, na escola, a base para promoção de qualquer objetivo educacional é o vínculo afetivo, este essencial para existência de um padrão de qualidade que engloba e respeita as diversidades, isso é a verdadeira inclusão.

#### **4.4 Resgatar com os alunos e corpo docente o respeito pelas diferenças**

Dentro do colégio regular, essa organização ajuda a criança com TEA a desenvolver a autoconfiança e a independência, também cabe a educação o papel de formar em crianças e jovens, nos futuros cidadãos deste País, um conceito de respeitabilidade, de equidade, de igualdade, de tolerância e de inclusão no meio social de todas as pessoas, independentemente de sua cor, de seu gênero, opção religiosa, etnia, pensamento social ou qualquer tipo de deficiência esse ensino deve ser aplicado desde os primeiros anos de escolaridade. Segundo ARANHA (2001):

A ideia de inclusão fundamenta-se numa filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social.

Precisamos aprender a nos respeitarmos como seres humanos, com opiniões, culturas e hábitos diferentes, mas fazendo parte da mesma sociedade. Só a partir de uma educação de base, capacitando não só professores, mas também todo o corpo administrativo que compõe o ambiente escolar, além de atividades que integrem famílias e comunidades.



## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora a inclusão dos alunos autistas no processo de escolarização seja algo bastante desafiador, a educação é uma ferramenta que transforma a vida dessas crianças, tanto no âmbito escolar como no seu cotidiano. Por isso é de grande importância ações de inclusão para que os alunos possam desenvolver o seu potencial.

Vale ressaltar que os objetivos dessa pesquisa foram alcançados, pois nos permitiu compreender, de forma teórica, foi possível descrever conceitos e características dos alunos autistas e como se dá o processo de inclusão do aluno autista na rede regular de ensino.

Os desafios na área da inclusão são imenso, muitos professores não se sentem preparados para trabalhar com o aluno autista, por isso a importância de uma formação continuada e um melhoramento dos métodos inclusivos e junto com a família, que é fundamental no processo de aprendizagem eficaz e significativo, para superar as maiores dificuldades do discente autista.

É necessário pensar nas crianças com autismo, como crianças que já enfrentam grandes dificuldades diariamente, a sociedade precisa estar preparada e interessada na inclusão dessas crianças, no fim das contas a educação é um ato possível de mudanças, tornando-as mais humanos, mais independentes e seres de consciência social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dayana Araujo. **Autismo e Educação: O processo inclusivo do aluno autista dos anos iniciais do Ensino Fundamental: - compreensão teórica de como se dá o processo de inclusão de autistas nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2020. Dissertação (Bacharelada em Pedagogia) – Faculdade Pitágoras, Ipatinga, 2020.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone. Formação de professores: da educação especial à inclusiva – alguns apontamentos. *In*: ZANIOLO, Leandro Osno; DALL’ACQUA, Maria Júlia C. (org.). **Inclusão escolar: pesquisando políticas públicas, formação de professores e práticas pedagógicas.** Jundiaí: Paco Editorial.

BRASIL. **Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a política de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 19 maio 2021.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 19 maio 2021.

BRASIL. **Decreto Nº 6094, de 24 de abril de 2007.** Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm). Acesso em: 2 maio 2020.

BORTOLOZZO, Ana Rita Serenato. **O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática pedagógica de professores de alunos com necessidades especiais.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)– Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1013](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1013). Acesso em: 22 maio 2021.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: Gerente, 2009.

FERNANDES, E. M. **Educação para todos, saúde para todos: a urgência da adoção de um paradigma multidisciplinar nas políticas públicas de 41 atenção a pessoas portadores de deficiências.** Rio de Janeiro: Benjamim Constant, 2007.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo.** [S. I.]: Atheneu, 1993.

HUNDERT, J. **Inclusion of students with autism: using ABA-based supports in general.** Austin: ProEd, 2009.

JESUS, D. M. de. et al. Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação colaborativa. In: BAPTISTA, C. R. (Org.). **Inclusão e escolarização múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 95-106.

LEMOS, E, L, M, D.; et al. Parents and teachers conceptions about the inclusion of autistic children. **Revista de Psicologia**, v.28, n.3, p.351-361, 2016.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MENEZES, A. R. S. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://www.bdtd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5482](http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5482). Acesso em: 22 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Transtornos do espectro autista**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 22 maio 2021.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, A. dos et al. **Metodologias de Ensino para crianças autistas: superando limitações em busca da inclusão**. Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013

SERRA, D. Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 12-27, abr. 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifacio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

SOUSA, Pedro M. L.; SANTOS, Isabel M.S. C. dos. **Caracterização da Síndrome autista**. [s. d]. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0259.pdf>. Acessado em: 22 maio 2021.

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e comportamento humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.